



GT 74. Religiões de matriz africana e seus modos de convivência: caboclos, orixás e outras entidades

Coordenador(es):

Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 1 - Tempos, Histórias e Registros

Debatedor/a: Miriam Cristina Marcilio Rabelo (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 2 - Vínculos e obrigações

Debatedor/a: Clara Mariani Flaksman (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 3 - Modos de Convivência

Debatedor/a: Luciana Duccini (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

A proposta deste Grupo de Trabalho é investigar os modos de se relacionar com e entre as entidades presentes nas diversas modalidades de religiões de matriz africana, tanto no Brasil quanto em outros países da diáspora africana. Assim, pretende dar ênfase não somente às análises das manifestações religiosas em si, mas aos estudos voltados para as formas como vínculos são aí construídos e mantidos. Tendo como questão chave o debate em torno das dimensões ético-políticas das formas de convivência cultivadas nessas religiões, o GT está aberto para trabalhos que tratem dos procedimentos e conceitos que participam dos processos de construção de vínculos, que discutam as diferentes temporalidades e espacialidades em jogo nesses processos e/ou explorem como os vínculos com as entidades são mobilizados e testados em situações de encontro com outras formas de prática.

Trama espiritual: pessoas, seres e regras afro-cubanas no Ilé Oggún e Yemayá, Bogotá, Colômbia

Autoria: Luis Guillermo Meza Álvarez (PPGAS UFRN)

Procuró explorar as relações que integrantes do Ilé Oggún e Yemayá constroem com um conjunto de seres espirituais/sobrenaturais por meio de algumas consagrações e, especialmente, a recepção de fundamentos. Nesse processo se estabelece uma série de vínculos que implicam em obrigações, responsabilidades, mas também em cuidados e proteção tanto com os ?mais velhos? quanto com os seres que passam a fazer parte da existência da pessoa e que têm uma presença material no lugar de moradia dos religiosos. Uma trama de relações entre pessoas (comunidade ou casa religiosa) e entre estas e um conjunto de seres (orichas, égguns de luz, nfumbe) que têm qualidades diferentes, dos quais tratam regras diferentes (Espiritismo Cruzado, Palo Monte, Santería/Regla de Ocha e Ifá) por meio de uma série de procedimentos e sequências que conectam, dinamizam e também separam aquelas forças. No Ilé são praticadas quatro das principais religiões afro-cubanas, cada uma delas especializada no tratamento com forças distintas por meio de técnicas, receptáculos, ferramentas e espaços físicos diferenciados, cujas relações podem ser pensadas como de compatibilidade, alteridade, suplemento e complemento.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: